

# Grande Estratégia e Modernização Militar da China Contemporânea

Augusto W. M. Teixeira Júnior\*

## RESUMO

O presente trabalho analisa os condicionantes geopolíticos da postura estratégica da China no século XXI. Foram analisados documentos como a Estratégia Militar da China e discursos do presidente Xi Jinping. A partir do estudo das relações estratégicas entre a China e seus contendores no Mar do Sul da China e Oceano Índico, pesquisamos a concepção chinesa sobre o uso da força. O nível doméstico foi explorado através do debate sobre a modernização militar, fundamental para avaliar a coordenação entre os objetivos de grande estratégia, doutrina militar e políticas de defesa. O estudo apresenta em suas considerações finais aportes para pensar o Exército Brasileiro.

**Palavras-chave:** Grande Estratégia; Geopolítica; Modernização Militar; Uso da Força; China.

## ABSTRACT

This paper analyzes the geopolitical determinants of the strategic posture of China in the 21st century. Documents as China's military strategy and speeches of President Xi Jinping were analyzed. From the study of the strategic relations between China and its contenders in the South China Sea and the Indian Ocean, we studied the Chinese idea on the use of force. The domestic level was explored through the debate on a military modernization, fundamental for an evaluation between the objectives of great strategy, military doctrine and a defense policy. The study presents in its final considerations' ideas for reflection about the Brazilian Army.

**Keywords:** Grand Strategy; Geopolitics; Military Modernization; Use of Force; China.

\*Doutor em Ciência Política (UFPE). Pós-doutor em Ciências Militares (ECEME). Professor do Departamento de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (UFPB). Pesquisador Sênior do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (NEP - CEEEx) e do INCT-INEU.

## Sumário Executivo

Refletindo as mudanças políticas e estratégicas preconizadas pelo presidente Xi Jinping no 19º Congresso do Partido Comunista Chinês (JINPING, 2017), a leitura contemporânea da grande estratégia chinesa se manifesta na expressão “sonho chinês de alcançar o rejuvenescimento da nação chinesa” (JINPING, 2017). Nela estão articulados posicionamentos que ligam as visões do país sobre a defesa da globalização, a crescente interdependência e a importância do papel militar como lastro para o desenvolvimento pacífico. Conforme expresso na estratégia militar do país (CHINA, 2015), a China vê o seu destino interligado ao mundo. Essa articulação, sustentada por laços de interdependência, seria basilar para a sustentação do desenvolvimento chinês. Para tal, a defesa da estabilidade e da paz surgem na retórica de Pequim como fundamentais no quadro geral de mudança pacífica.

Para a realização dos objetivos nacionais do país foi lançado, em maio de 2015, o Livro Branco de Defesa da China, intitulado “A Estratégia Militar da China” (CHINA, 2015). Entre os pontos centrais do documento está a centralidade do processo de modernização militar do Exército de Libertação Popular. A leitura do equilíbrio de poder global e regional por parte do Partido Comunista Chinês e do Ministério Nacional da Defesa amparou uma estratégia de mudança militar que leva em consideração os seguintes fatores: o papel da geografia, da tecnologia, da experiência de combate dos militares chineses e de outros países.

As mudanças organizacionais e tecnológicas em curso na China dialogam diretamente com a doutrina de Guerra Informatizada. Elaborada pelo então presidente Jiang Zemin, a Informatização da Guerra é um conceito que afeta a elaboração doutrinária das forças armadas chinesas e impacta as demais dimensões de sua transformação. No campo tecnológico, a China aposta na modernização de seus meios de combate, na capacidade de buscar dominância em novos domínios disputados (cibernético e espacial) ao passo em que desenvolve tecnologias com potencial disruptivo: mísseis hipersônicos e armas de energia direta. Associada à sua presença nos mercados ao redor do globo, a modernização militar chinesa é parte de sua grande estratégia. Com isso, o país torna-se cada vez mais ativo na competição por mercado de produtos de defesa, com destaque para o setor de veículos não-tripulados.

As mudanças doutrinárias e tecnológicas são acompanhadas pela adaptação organizacional. Novas estruturas institucionais foram criadas, em especial após o presidente Xi Jinping ordenar reformas militares em 2015. Uma força de suporte logístico foi criada, a força de mísseis foi alçada à força singular e as capacidades de operar no espectro eletromagnético e cibernético foram reestruturadas. Tão relevante quanto, a China operacionalizou entre 2015 e 2017 o redesenho de sua estrutura territorial militar. No sentido de promover a interoperabilidade no Exército de Libertação Popular, as antigas regiões militares tornaram-se Comandos de Teatro de natureza conjunta.

Apesar do ambiente geopolítico e estratégico distinto do Brasil, a experiência sínica permite observar com um país de desenvolvimento tardio, com graves problemas sociais e desequilíbrios regionais persistentes conseguiu elevar o patamar de suas forças armadas para próximo do estado da arte no Ocidente. Outro aprendizado consiste em que o caso chinês expressa a relevância da adequação do planejamento e reforma militar a objetivos bem definidos de uma grande estratégia consistente.

## Grande Estratégia e Geopolítica da China

Em 2015 foi lançada a mais recente versão da Estratégia Militar Chinesa (CHINA, 2015). No documento é possível observar aspectos que consideramos consistir, em linhas gerais, na grande estratégia do país onde, cada vez mais, o componente militar torna-se expressivo. A Estratégia, calcada na concepção ampla de amparar o *desenvolvimento pacífico*, afirma perseguir uma política externa independente, pacífica e uma de defesa nacional caracterizada por uma postura estratégica defensiva. Coerente com a história do país e com sua identidade estratégica, fortemente atrelada à concepção de *Guerra Popular*, a Estratégia Militar chinesa se opõe ao hegemonismo e à política de poder. Reforçando a identidade defensiva de sua postura estratégica, o documento afirma categoricamente que a China jamais buscará a hegemonia ou o expansionismo (CHINA, 2015). As forças armadas chinesas<sup>1</sup> são entendidas como instrumento da política, cujo objetivo precípuo é a manutenção da paz e a garantia da estabilidade (regional e doméstica). O poder militar e seu desenvolvimento é visto como um lastro para o *desenvolvimento pacífico*.

Coerente com a articulação entre objetivos e poder militar, a China vivencia, a mais de duas décadas, um processo de modernização de suas forças armadas voltado a elevar o patamar tecnológico, doutrinário e organizacional do Exército de Libertação Popular em seus distintos ramos. A modernização das forças armadas chinesas prevista na Estratégia Militar (2015) é subordinada às Diretrizes Estratégicas Militares, das quais a principal é a concepção de *defesa ativa*. O caráter defensivo preconizado nessa doutrina diz respeito a

<sup>1</sup> A expressão Exército de Libertação Popular (PLA na sigla em inglês) diz respeito às forças armadas em geral. O termo inclui o Exército, a Força Aérea e a Marinha. Menções a ramos das forças armadas são feitas a exemplo de Marinha do Exército de Libertação Popular (SINGH, 2016).

objetivos gerais e específicos. De modo geral, a *defesa ativa* se orienta para a manutenção da soberania e dos interesses de segurança da China. Em termos específicos, a *defesa ativa* está ligada aos objetivos estratégicos nacionais dos *dois centenários*, relevantes como resposta à ideia de “século de humilhação”, trazida para o discurso político pelo ex-presidente Jiang Zemin. Na presente década, a China do futuro vislumbrada pelo presidente Xi Jinping é sintetizada no objetivo de “realização do Sonho Chinês de alcançar o grande rejuvenescimento da nação chinesa” (CHINA, 2015). Cada vez mais, o nacionalismo chinês inspira a modernização da defesa e das forças armadas<sup>2</sup> (SINGH, 2016).

Ressaltados na Estratégia Militar (CHINA, 2015) e reafirmados no discurso do presidente Xi Jinping para o 19º Congresso do Partido Comunista em 2017 (JINPING, 2017), os anos de 2021 e de 2049 se sobressaem como parâmetros para realização de objetivos da grande estratégia chinesa e da modernização militar. Os *dois centenários* dizem respeito aos 100 anos de fundação do Partido Comunista Chinês (PCC) em 1921 e da fundação da República Popular da China (RPC) em 1949. Ambas as datas são marcos importantes, seja para a realização da elevação do poder militar chinês demandado pela grande estratégia, seja para a realização do “Sonho Chinês de alcançar o grande rejuvenescimento da nação chinesa”.

A grande estratégia e a geopolítica da China são mediadas pela avaliação de Pequim sobre a sua situação de segurança nacional. Na Estratégia Militar da China as tendências globais de multipolaridade e de globalização econômica, fenômenos intensificados pela expansão da sociedade da informação, são percebidos como o panorama geral em que o país busca consolidar a sua posição como grande potência. Essas tendências, que em tese reforçariam a interdependência, seriam contrastadas pelo fato de que,

<sup>2</sup> Sugerimos a leitura de “The PLA and China’s Rejuvenation” (HEATH, GUNNESS e COOPER, 2016).

“Mudanças profundas estão se dando na situação internacional, como manifestadas nas mudanças históricas no equilíbrio de poder, na estrutura de governança global, no ambiente geoestratégico da Ásia-Pacífico e na competição internacional nos campos econômico, científico, tecnológico e militar”<sup>3</sup>(CHINA, 2015).

Não obstante as lideranças chinesas não considerem provável uma guerra mundial no futuro próximo, a China concebe como plausível a possibilidade de eclosão de guerras de pequena escala (*small-scale wars*), conflitos e crises em algumas regiões do globo. Somado ao que Pequim percebe como *pequenas guerras*, o documento faz menção àquilo que denomina de “novas ameaças”, como o hegemonismo, a política de poder e o neo-intervencionismo<sup>4</sup>.

Apesar do risco de guerra de baixa intensidade e irregular ser vislumbrado pela China, o documento em apreço entende que o ambiente internacional seria favorável ao país, permitindo usufruir dos ganhos da paz. Apesar do discurso pacífico e defensivo, Pequim prioriza o crescimento daquilo que denomina de força nacional abrangente<sup>5</sup>, tal como a competitividade e a resiliência como pilares para o papel e influência da China no século XXI. No nível doméstico, o desenvolvimento e o incremento da qualidade de vida da população compõem o rol de objetivos da grande estratégia no sentido de

manter a estabilidade político-social interna e, por conseguinte, sustentar a legitimidade do partido. Embora a Estratégia Militar apresente um panorama internacional favorável à realização dos objetivos chineses encapsulados em sua grande estratégia, o país é ciente que a “China possui uma tarefa árdua para salvaguardar a unificação nacional, a integridade territorial e os seus interesses de desenvolvimento”<sup>6</sup> (CHINA, 2015). Por isso, Pequim desenvolve uma estratégia que visa a prover, de forma equilibrada, tanto a proteção de direitos como a manutenção da estabilidade de forma a garantir a segurança chinesa ao longo de sua periferia (CHINA, 2015).

Embora Pequim seja a força central na mudança do centro econômico e estratégico global do Atlântico Norte para a região da Ásia-Pacífico, o país percebe que as condições para o *desenvolvimento pacífico* e a estabilidade doméstica podem ser perturbadas pela atuação de contendores regionais e extrarregionais. Na Estratégia Militar (CHINA, 2015) são citados os seguintes países<sup>7</sup>: Estados Unidos, Japão, “Índia”<sup>8</sup>, Coreias (Península Coreana) e Taiwan.

No começo da presente década, *Think Tanks* dos EUA como a *Rand Corporation* (2011) se mostravam céticos sobre a possibilidade de a China buscar o conflito armado com os Estados Unidos. A manutenção de relações sino-americanas não violentas se explicaria pelas preferências de segurança de Pequim. Opor-se à força aos EUA implicaria em minar a estrutura de

<sup>3</sup>Traduzido do original: “Profound changes are taking place in the international situation, as manifested in the historic changes in the balance of power, global governance structure, Asia-Pacific geostrategic landscape, and international competition in the economic, scientific and technological, and military fields.” (CHINA, 2015).

<sup>4</sup> A leitura e análise da Estratégia Militar da China (2015) permite inferir que as “novas ameaças” listadas referem-se primordialmente aos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Sobre o conceito de *Comprehensive National Power* da China, ver Teixeira Júnior, Souza e Cunha Leite (2017).

<sup>6</sup>Traduzido do original: “China has an arduous task to safeguard its national unification, territorial integrity and development interests.”(CHINA, 2015).

<sup>7</sup>Os respectivos países são citados no parágrafo posterior a afirmação de que, como um grande país em desenvolvimento, a China enfrenta desafios complexos de segurança, tal como crescentes impedimentos e desafios externos.

<sup>8</sup> Na seção a que esse parágrafo se refere a Índia não é citada diretamente. Entretanto, inferimos que se trate do país em virtude das características aludidas no texto e pela análise de Singh (2016) sobre o documento.

ganhos internacionais da qual a China se beneficia, ameaçando em sequência o crescimento econômico, a manutenção da ordem social e a sobrevivência do regime. Esses três interesses basilares para Pequim demandariam um ambiente internacional pacífico e estável. Na última década, a estratégia chinesa preconiza o estabelecimento de relações entre iguais com os Unidos (*major-country relations*) (CHINA, 2015). No entanto, desde a política do “rebalancing strategy”<sup>9</sup> do então governo Obama (TEIXEIRA JÚNIOR, 2018), a China percebe o incremento da presença militar dos Estados Unidos e de seus aliados na região, cada vez mais como ameaça. Em termos geopolíticos e estratégicos o “Asiarebalancing” e a Iniciativa “Um cinturão, Uma Rota”<sup>10</sup> são propostas que se opõem (SINGH, 2016). Embora não abrace a estratégia do pivô asiático na mesma intensidade que o presidente Obama, a corrente guerra comercial sino-americana iniciada pela administração Trump acirra as tensões no leste asiático (TWEED e KOUTSOUKIS, 2018).

Ao lado da preocupação de Pequim com os Estados Unidos, o Japão torna-se paulatinamente um contendor estratégico relevante para a China. Por exemplo, a Estratégia Militar da China (2015) afirma textualmente a preocupação do país sobre a mudança da postura de defesa de Tóquio. A afirmação se insere no contexto da reforma da constituição do Japão liderada pelo primeiro-ministro Abe, cujo destaque nessa iniciativa consiste na mudança do artigo nono, que versa sobre a renúncia do país à guerra<sup>11</sup>. Por sua vez, a própria política de defesa nipônica é influenciada pela mudança de perfil militar chinês (IISS, 2018).

<sup>9</sup> A expressão é repetida nominalmente na Estratégia Militar da China (2015).

<sup>10</sup> Uma avaliação sob a ótica da geoeconomia pode ser vista em Manji (2018).

<sup>11</sup> Para uma aproximação contemporânea sobre os debates no Japão ver Yoshida(2018).

De forma imediata, a estratégia chinesa se ocupa dos riscos que o comportamento militar do Japão possa implicar para os reclames territoriais marinhos da China, como por exemplo o contencioso sobre as ilhas Senkaku/Diako. Nos últimos anos, a força de autodefesa marítima do Japão tem apoiado a estratégia do país em relação à China. Como reportado no *The Military Balance 2018* (IISS, 2018), o porta-helicópteros Izumo e um contratorpedeiro foram desdobrados para o Mar do Sul da China e proximidades, tendo inclusive visitado os portos de países que também possuem disputas marítimas com a China: Filipinas, Cingapura e Vietnã. Some-se a isso a participação de belonaves japonesas no exercício naval Malabar, ao lado das marinhas da Índia e dos Estados Unidos (IISS, 2018, p. 220). A progressiva “normalização” do Japão também produz reflexos na competição sino-nipônica por mercados e transferência de armas ao longo do sudeste asiático.

Numa região em que Pequim busca salvaguardar o que entende como seus interesses e direitos marítimos, as disputas pelas ilhas no Mar do Sul da China são percebidas como um problema também em virtude das atividades de vigilância aérea e marítima e de reconhecimento contra Pequim (CHINA, 2015). Segundo o entendimento do Partido Comunista Chinês e do Exército de Libertação Popular, assegurar o controle do Mar do Sul da China e águas adjacentes é uma prioridade estratégica (IISS, 2018). Por essa razão a China vem reforçando e expandindo as suas bases e instalações militares no Mar do Sul da China (ATLANTIC COUNCIL, 2013)

Somado ao cenário de segurança e instabilidade na periferia chinesa, a exemplo da última crise nuclear e de mísseis na Península Coreana (ARMS CONTROL ASSOCIATION, 2017), o risco de independência de Taiwan é um tema perene e extremamente sensível para a segurança nacional da China. Por essa razão, a reunificação é percebida como parte do



objetivo da grande estratégia no tocante ao rejuvenescimento da nação chinesa:

“A questão de Taiwan tem a ver com a reunificação da China e o desenvolvimento a longo prazo, e a reunificação é uma tendência inevitável no curso do rejuvenescimento nacional. Nos últimos anos, as relações entre os países do estreito Taiwan sustentaram uma dinâmica sólida de desenvolvimento pacífico, mas a causa raiz da instabilidade ainda não foi removida, e as forças separatistas de "independência de Taiwan" e suas atividades ainda são a maior ameaça ao desenvolvimento pacífico das relações entre os estreitos.”<sup>12</sup> (CHINA, 2015)

Como percebido pela tônica da Estratégia sobre Taiwan, o separatismo é um tema sensível no pensamento militar chinês. Ao lado da questão de Taipei, o documento em apreço lista entre as forças anti-China os movimentos pela “independência do Turquestão Oriental” e de “independência do Tibete”.

Os riscos de segurança na periferia chinesa são percebidos como crescentes. A ampliação do escopo dos interesses nacionais de Pequim tornaria a segurança nacional do país mais suscetível a turbulências regionais, terrorismo, pirataria, epidemias e desastres naturais de grande envergadura. Interesses de ultramar também são percebidos como estando mais suscetíveis à insegurança. Entre esses, o documento destaca as fontes ultramarinas de recursos naturais, energia, linhas de comunicação marítimas estratégicas, tais como instituições, pessoal e ativos no estrangeiro (CHINA, 2015).

<sup>12</sup> Traduzido do original: “The Taiwan issue bears on China's reunification and long-term development, and reunification is an inevitable trend in the course of national rejuvenation. In recent years, cross-Taiwan Straits relations have sustained a sound momentum of peaceful development, but the root cause of instability has not yet been removed, and the "Taiwan independence" separatist forces and their activities are still the biggest threat to the peaceful development of cross-Straits relations.”(CHINA, 2015).

Associada aos objetivos geopolíticos e econômicos de sua grande estratégia, a exemplo do projeto da Rota Marítima da Seda, a presença militar chinesa transcende cada vez mais o Leste Asiático, colocando-a em possível colisão com interesses de outra potência emergente: a Índia. Como atestam a base militar chinesa em Djibouti<sup>13</sup> e as operações contra pirataria no Golfo de Áden, o Oceano Índico torna-se paulatinamente um espaço de atuação dos componentes naval e aéreo do Exército de Libertação Popular (IISS, 2018). Tal afirmação se apoia, entre outros dados, na crescente presença de meios de superfície e de submarinos da marinha chinesa em águas de interesse de Nova Délhi (SILVA e TEIXEIRA JÚNIOR, 2016; IISS, 2018).

Embora a presença militar chinesa se faça sentir com maior peso no nordeste asiático e nas águas do Mar do Sul da China, Pequim tem testado a sua capacidade de projetar força para longas distâncias para além, inclusive, dos limites do Oceano Índico<sup>14</sup>. Em 2017 o país realizou exercícios navais no Mar Báltico em conjunto com a Marinha Russa.

Buscando assegurar o equilíbrio entre a defesa de seus direitos históricos e a manutenção da paz e da estabilidade, a China tem buscado ampliar a sua cooperação internacional. Além do reforço no alinhamento com a Rússia, em consonância com a sua grande estratégia, a China tem reforçado os laços militares com outros países da Organização de Cooperação de Xangai, tal como participado ativamente de fóruns multilaterais de diálogo e mecanismo de cooperação na Ásia-Pacífico (IISS, 2018).

<sup>13</sup> É esperado que a base chinesa em Djibouti dê apoio as ações antipirataria no Golfo do Áden, mas que também possibilite a construção de pistas de decolagem necessárias para a projeção de poder aéreo chinês para o mediterrâneo (IISS, 2018).

<sup>14</sup> Sobre o histórico de competição naval sino-indiana, ver Silva e Teixeira Júnior (2016).

## Modernização Militar Chinesa

O panorama geopolítico e estratégico em que se encontra a China nesse quartel do século XXI compele o país a combinar os ganhos da paz e da distribuição global de poder ao passo que reforça o seu poder militar como forma de assegurar os seus interesses domésticos e externos. Esse movimento não se iniciou no século XXI, nem mesmo com a ascensão de Xi Jinping ao principal cargo político na China. Apesar das dificuldades<sup>15</sup> (SLOAN, 2008; CHASE et al., 2015), desde a década de 1990 a China busca a modernização de suas forças armadas<sup>16</sup>. É nesse período em que o país passa a dar maior ênfase ao profissionalismo e à tecnologia, ao passo que reduzia gradualmente os papéis políticos do Exército de Libertação Popular<sup>17</sup> (SINGH, 2016; WUTHNOW e

<sup>15</sup> Em seu clássico sobre Transformação Militar, Sloan (2008) analisa os esforços de transformação da China ao longo da década de 1990 até a primeira metade dos anos 2000. Em estudo publicado pela *Rand Corporation*, Chase et. al. (2015) apresentaram uma profunda análise dos desafios de transformação do Exército de Libertação Popular da China. Mais recentemente, a última versão de *The Military Balance 2018* (IISS, 2018) aponta várias correções e ajustes no rumo da transformação militar chinesa, destacando a conversão do perfil militar chinês para uma força calcada em tecnologia, em detrimento da ênfase no quantitativo de pessoal e equipamento.

<sup>16</sup> As lições aprendidas na campanha limitada contra o Vietnã em 1979 levaram aos planejadores chineses a perceber os limites da doutrina de Guerra Popular para fins ofensivos e fora das fronteiras chinesas. No contexto das modernizações do presidente Deng Xiaoping, essa experiência foi relevante para que as bases da mudança militar viessem a curso nas décadas que se seguiram (SINGH, 2016).

<sup>17</sup> Deve-se frisar que a articulação entre grande estratégia e poder militar é arquitetada fundamentalmente através da subordinação dos militares ao poder civil, representado no Partido e no Presidente da China. A articulação das relações civis-militares no país asiático foi recentemente reforçada no texto das reformas da defesa lideradas pelo presidente Xi Jinping (JINPING, 2017; WUTHNOW e SANDERS, 2017). Concomitante à concertação político-militar supracitada, é ampliada a percepção de

SAUNDERS, 2017). A Estratégia Militar (CHINA, 2015) refere-se inclusive à *Revolution in Military Affairs* (RMA) como referente de mudança militar a partir do qual a modernização chinesa reage. O documento expressa que a RMA estaria alcançando um novo estágio, marcado por equipamentos mais sofisticados, com destaque para os sistemas armas de longo alcance, de precisão, inteligentes, invisíveis (*stealth*) e não-tripulados. Não obstante a relevância da tecnologia no debate em apreço, a modernização chinesa é guiada pela política, no caso, pelo objetivo estratégico nacional, sobre o qual a Estratégia é clara,

“O objetivo estratégico nacional da China é completar a construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos até 2021, quando o PCC comemorar seu centenário; e a construção de um país socialista moderno que seja próspero, forte, democrático, culturalmente avançado e harmonioso até 2049, quando a República Popular da China (RPC) marcar seu centenário. É um sonho chinês alcançar o grande rejuvenescimento da nação chinesa. O sonho chinês é tornar o país forte. As forças armadas chinesas sonham em tornar os militares fortes como parte do Sonho Chinês. *Sem um exército forte, um país não pode ser nem seguro nem forte.*”<sup>18</sup> [grifo nosso] (CHINA, 2015).

desafios de segurança aos interesses chineses, estreitando mais ainda a relação entre desenvolvimento e segurança tão importante no escopo de sua grande estratégia.

<sup>18</sup> Traduzido do original: “China's national strategic goal is to complete the building of a moderately prosperous society in all respects by 2021 when the CPC celebrates its centenary; and the building of a modern socialist country that is prosperous, strong, democratic, culturally advanced and harmonious by 2049 when the People's Republic of China (PRC) marks its centenary. It is a Chinese Dream of achieving the great rejuvenation of the Chinese nation. The Chinese Dream is to make the country strong. China's armed forces take their dream of making the military strong as part of the Chinese Dream. Without a strong military, a country can be neither safe nor strong.” (CHINA, 2015).

Caracterizando essa nova fase da modernização, o país percebe grandes potências ajustando suas estratégias de segurança nacional, políticas de defesa e gastos militares orientados para a reestruturação de suas forças armadas e transformação, com ênfase aos domínios cibernético e espacial (CHINA, 2015). Analisamos a seguir os principais aspectos da modernização militar chinesa a partir dos debates acerca dos temas de doutrina, tecnologia e organização.

## Doutrina

Conforme exposto previamente, a postura estratégica chinesa é predominantemente defensiva e dissuasória. Segundo a Estratégia Militar da China (CHINA, 2015) o conceito de *defesa ativa* está na essência do pensamento estratégico do país. Presente desde as guerras revolucionárias por quais a China passou, a ideia de *defesa ativa* é exemplificada na seguinte frase: “Não atacaremos a menos que sejamos atacados, mas certamente contra-atacaremos se atacados”<sup>19</sup> (CHINA, 2015). A expressão dá a entender que o ímpeto da defesa não se restringe a refrear a ofensiva adversária, mas a eliminar os meios que permitiram ao adversário realizar a própria ofensiva<sup>20</sup>. Contudo, segundo analistas como Singh (2016), a Estratégia Militar chinesa e sua doutrina foram sendo transformadas de uma orientação defensiva para a ofensiva limitada. A seguir apresentamos um quadro

<sup>19</sup> “Traduzido do original “We will not attack unless we are attacked, but we will surely counterattack if attacked.”. De acordo com a Estratégia Militar Chinesa (2015), o conceito de *defesa ativa* é congruente com as ideias de unidade entre defesa estratégica e ofensiva operacional e tática, aderência a princípios de defesa, autodefesa, entre outros.

<sup>20</sup> Não obstante a cultura estratégica chinesa estar mais próxima do pensamento de Sun Tzu, a descrição do conceito estratégico de *defesa ativa* se parece com o sentido da Defesa para Clausewitz (2007). Para o general prussiano, a defesa deveria envolver necessariamente o contra-ataque, sem o qual não seria completa.

com a síntese das principais doutrinas militares chinesas desde 1949.

### Quadro 1: evolução doutrinária das Forças Armadas da China

Conceito Operacional / Doutrina	Presidente	Período
<i>Guerra Popular</i>	Mao TséTung	Década 1940-1970
<i>Guerra Popular em Condições Modernas</i>	Deng Xioping	Década 1980
<i>Guerra Local e Limitada</i>	Deng Xioping	Década 1990
<i>Guerra limitada sob altas condições tecnológicas</i>	Jiang Zemin	Década 1990 - 2000
<i>Guerra informatizada</i>	Xi Jinping	Década 2010

Fonte: o autor, baseado em Singh (2016).

A partir de 1949, com o fim da guerra revolucionária, a Comissão Militar Central (CMC) estabeleceu e revisou versões das diretrizes estratégicas militares de defesa ativa (MSG<sup>21</sup>). Semelhantes ao entendimento da expressão “doutrina” na percepção ocidental (SINGH, 2016), as MSG passaram por mudanças expressivas nos anos 1980 e principalmente no pós-guerra fria.

Na onda das modernizações lideradas pelo presidente Deng Xioping, a concepção de *Guerra Popular* sofreu alterações importantes, com impactos para futuros conceitos operacionais e doutrinas. Com o lançamento da *Guerra Popular sob Condições Modernas*, a ideia de guerra prolongada perdeu centralidade. Com isso, a ênfase na guerra total cedeu espaço para o foco na guerra limitada. Um terceiro aspecto de destaque foi a paulatina mudança de ênfase quanto aos principais domínios e dimensões da guerra a ser priorizadas pelo Exército de Libertação Popular. Tradicionalmente centrado no componente terrestre, a partir dos anos 1980 a China se move lentamente para um perfil militar que prioriza o poder aéreo,

<sup>21</sup> De acordo com Singh (2016), as MSG são semelhantes ao “National Military Strategy” dos EUA.



naval e as capacidades no campo de mísseis (SINGH, 2016; JINPING, 2017; IISS, 2018).

Com o impacto e a avaliação da Guerra do Golfo<sup>22</sup> entre 1990 e 1991 (LIANG e XIANGSUI, 1999), dois conceitos expõem com clareza o que os chineses chamam de *Preparação para a Luta Militar* (PMS)<sup>23</sup>. O primeiro, lançado em 1993, *Ganhando Guerras Locais em Condições de Tecnologias Modernas*, foi o primeiro PMS pós-Guerra Fria em que incorporava a hipótese de guerras locais em que o preceito de massa começa a ceder espaço para a tecnologia. O segundo, *Ganhando Guerras Locais sob Condições de Informatização*, criado em 2004, expressa a *Preparação para a Luta Militar* incorporando a dimensão informacional e o ápice do debate ocidental sobre transformação militar após a transição conceitual entre RMA para Transformação Militar (SLOAN, 2008).

Na Estratégia Militar de 2015, para implementar a *Diretriz Militar Estratégica de Defesa Ativa*, são alterados aspectos da *Preparação para a Luta Militar*. As mudanças apontadas na revisão doutrinária em 2004 são aprofundadas em 2015 no sentido de não apenas orientar a preparação militar para a concepção informacional, como para desenvolver a PMS para o domínio marítimo<sup>24</sup>. Entre as mudanças previstas nas

<sup>22</sup> Uma das principais obras que ilustram as lições aprendidas pela China a partir da experiência americana na Guerra do Golfo e da *Revolution in Military Affairs* é o livro “Unrestricted Warfare” (LIANG e XIANGSUI, 1999).

<sup>23</sup> Da versão do inglês traduzida pelo Ministério Nacional de Defesa da China, “Preparation for Military Struggle” (PMS). Segundo a Estratégia Militar da China (2015), a PMS é uma prática militar básica, voltada a garantir a paz, conter crises e vencer guerras. A escolha do termo “luta” incorpora uma concepção que transcende a participação do elemento militar no contexto mais geral da atividade bélica. Conforme uma cultura estratégica calcada no esforço da guerra popular, a guerra incorpora as dimensões do governo, povo e suas instituições castrenses em sua dinâmica (SINGH, 2016).

<sup>24</sup> A China acompanhou e estudou a Guerra das Malvinas/Falklands de 1982, da qual extraiu lições

doutrinas operacionais estão a adesão de princípios de flexibilidade, mobilidade e “independência”<sup>25</sup>. Outras características importantes do RMA e da Transformação militar no Ocidente passam a ser vistas com mais frequência na concepção estratégica e doutrinária chinesa. A ideia de “forças de combate integradas” empregadas para prevalecer em operações “sistema versus sistema” caracterizadas pela dominância informacional, ataques de precisão e operações conjuntas.

De acordo com o *International Institute for Strategic Studies* (IISS), conforme elencado como objetivo no 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, o país possivelmente terá alcançado até 2021 a primeira fase da modernização, entendida como a mistura entre mecanização e informatização de suas forças (IISS, 2018, p. 225). Fruto da modernização militar chinesa, emerge uma versão nacional da Guerra Centrada em Redes (*Network Centric Warfare*). A Estratégia do país considera que,

“As forças armadas chinesas vão acelerar seus passos para transformar a forma geradora de efetividade de combate, irão trabalhar para usar sistemas de informação para integrar uma ampla gama de forças operacionais, módulos e elementos na capacidade operacional geral e gradualmente estabelecer um sistema operacional conjunto integrado no qual todos os elementos estão perfeitamente ligados e várias plataformas operacionais executam de forma independente e em coordenação”<sup>26</sup>. (CHINA, 2015).

sobre a relevância do poder naval e do componente aéreo para operações militares ofensivas limitadas (SINGH, 2016).

<sup>25</sup> A leitura chinesa desse componente é sintetizada na expressão “you fight your way and I fight my way.” Em outras palavras, sustenta a capacidade de cada unidade ou grande unidade combater de forma independente e autossustentadas nos níveis táticos ou do teatro de operações.

<sup>26</sup> Traduzido do original: “China's armed forces will quicken their steps to transform the generating mode of combat effectiveness, work to use information systems to integrate a wide range of operational forces,

É importante frisar que as mudanças no campo doutrinário mencionadas acima estão diretamente ligadas a mudanças no ambiente geoestratégico da China, tal como a percepção por parte da Comissão Militar Central e do Partido Comunista da China de que o ritmo da modernização teria que ser acelerado. A *Preparação para Luta Militar* ligada à doutrina de *Ganhando Guerras Locais sob Condições de Informatização* demanda em seu planejamento mudança organizacional (estruturas e instituições promotoras de interoperabilidade), desenvolvimento de meios e doutrinas para enfrentar ameaças de novos domínios (novos conceitos operacionais e sistemas) e forças modulares aptas a serem empregues no amplo espectro de operações.

Representativo da modernização militar chinesa, especialmente da consonância da mesma com a grande estratégia do país, é a impressionante mudança da orientação de sua ênfase terrestre para marítima. Não obstante o desenvolvimento pregresso do poder marítimo<sup>27</sup> chinês, com a presidência de Xi Jinping (2013 – presente) a Marinha passa a ser elemento basilar da grande estratégia do país. O poder marítimo, em particular o seu componente naval, torna-se fundamental para a segurança nacional chinesa e a defesa de seus interesses de desenvolvimento. Entre outros objetivos a que se ligam a projeção ao mar estão a garantia da soberania e dos direitos e interesses chineses, tal como a segurança de linhas marítimas de comunicação (*Sea Lines of Communication – SLOCs*) e interesses de ultramar. Essa preocupação fica evidente ao lembrarmos a relevância crescente das operações fora-de-área chinesas no Oceano Índico e Golfo de

---

modules and elements into overall operational capacity, and gradually establish an integrated joint operational system in which all elements are seamlessly linked and various operational platforms perform independently and in coordination. (CHINA, 2015).”

<sup>27</sup> Sobre o redescobrimiento do pensamento de Alfred T. Mahan na China, ver Sempa (2014). Sobre o estado atual da produção naval chinesa, ver IISS (2018).

Aden(SILVA e TEIXEIRA JÚNIOR, 2016; IISS, 2018).

A Estratégia Militar afirma claramente que “a mentalidade tradicional de que a terra supera o mar deve ser abandonada, e grande importância deve ser dada à gestão dos mares e oceanos e à proteção dos direitos e interesses marítimos<sup>28</sup>” (CHINA, 2015). Não apenas a Marinha do Exército de Libertação Popular ganhou espaço na PMS, como a virada para “águas azuis” implicou mudança de missões e concepções operacionais. No domínio marítimo, a China passa paulatinamente da “defesa de águas costeiras” para a combinação desta com a “proteção de mares abertos” (CHINA, 2015). A seguir o texto analisa a dimensão Tecnológica da modernização militar chinesa.

## Tecnologia

Conforme discutido anteriormente, a China adaptou o seu entendimento de *Guerra Popular* às condições contemporâneas de sua modernização militar. Durante a administração de Jiang Zemin foi estabelecido o entendimento de que as guerras do futuro seriam caracterizadas pelo emprego de tecnologias avançadas, afetando todas as dimensões, apoiadas em meios eletrônicos e mísseis (SINGH, 2016). Entretanto, se tradicionalmente a guerra popular envolvia a ampla mobilização da população, atualmente ela envolve a mobilização dos recursos da ciência e da tecnologia (CHINA, 2015). A ênfase de teor mais qualitativa, que aposta na tecnologia como multiplicadora de força, faz com que a busca da China por alcançar a iniciativa estratégica na *Preparação para a Luta Militar* a leve a planejar atuação em todas as direções e domínios. Para tal objetivo, a Estratégia chinesa aponta para a necessidade de acelerar a construção, reforma e desenvolvimento de capacidades militares (CHINA, 2015).

---

<sup>28</sup>Traduzido do original: “traditional mentality that land outweighs sea must be abandoned, and great importance has to be attached to managing the seas and oceans and protecting maritime rights and interests.”

A Estratégia Militar da China (2015) destaca a ênfase em ser capaz de desdobrar forças e operar em novos domínios. Para tal, as lideranças do país expressam o entendimento sobre a necessidade de responder aos desafios contemporâneos do RMA e talvez o mais importante, conquistar a *iniciativa estratégica* na competição militar, inclusive em relação à capacidade de proteger seus interesses em ultramar. Destacamos a ideia de *iniciativa estratégica*, pois a China contemporânea não se percebe apenas como buscando reduzir o fosso tecnológico entre si e o ocidente, mas visa alcançar a condição de se constituir em competidor estratégico à altura de desafiantes ocidentais.

Semelhante aos Estados Unidos, a China (CHINA, 2015) também percebe a erosão da dianteira tecnológica do Ocidente. Desde o final da Guerra Fria, os EUA tiveram o privilégio de poder desdobrar forças e manobrar em quase todos os teatros de operação que desejaram operar. Contemporaneamente, essa capacidade é ameaçada pelo processo de proliferação de tecnologias antes restritas a poucas potências tal como a combinação entre antigas e novos meios. O somatório dessas transformações impõe a potências tradicionais o “desafio de acesso” (TEIXEIRA JÚNIOR, 2018). A China percebe e constrói uma *estratégia assimétrica* em oposição a estratégia de seus contendores (CLIFF, 2011). Novidades tecnológicas que ilustram esses argumentos podem ser vistas, por exemplo, no domínio aéreo e marítimo. No ar, o desenvolvimento de mísseis ar-ar PL-15 permite à China contestar o domínio do ar de oponentes (IISS, 2018). No mar, cruzadores da classe Tipo-055 apontam para o rápido avanço chinês em termos de capacidades em águas azuis apto tanto a ações no campo da negação de área e acesso marítimo como de projeção de poder (IISS, 2018).

Para além de sistemas e plataformas aptas a desdobrar força convencional, a China desenvolve tecnologias com potencial disruptivo que podem afetar decisivamente a conduta da guerra, do nível tático ao estratégico. Na área de veículos aéreos não

tripulados, o país tem se destacado como exportador desse tipo de sistema. Atualmente a China desponta com desenvolvedora destes sistemas e da tecnologia de “enxame de drones” (IISS, 2018). Para o *International Institute for Strategic Studies* no futuro, o emprego de “enxame de drones” poderá ser usado contra redes de C4ISR ou como emprego cinético contra alvos (IISS, 2018). No nível estratégico, a China está engajada no desenvolvimento de armas hipersônicas, as quais têm potencial de alterar a dinâmica ofensiva e defensiva entre mísseis e sistemas de defesa. Como EUA e Rússia, Pequim vem realizando experimentos com armas de energia direta (IISS, 2018).

A aplicação dos preceitos da *Guerra Popular* aplicados ao campo da ciência e tecnologia contribui para a modernização militar da China, tal como habilita suas forças armadas a operar no amplo espectro. Opta-se por capacitar as forças para atender ao requisito de uma postura balanceada entre a preparação para a guerra e a sua prevenção, proteção de direitos, manutenção da estabilidade, dissuasão e combate, operações em tempo de guerra e paz. Curiosamente, semelhante a documentos doutrinários americanos, a Estratégia Militar Chinesa assume a postura de gerenciar crises e de forma resoluta, deter e vencer guerras (CHINA, 2015; JINPING, 2017). Em síntese, a Estratégia Militar de 2015 preconiza uma concepção holística sobre segurança nacional, fortalece a PMS, foca na prevenção de crises e na capacidade de deter e vencer guerras (CHINA, 2015). Para tal, a dominância em todos os domínios se faz essencial.

Pequim tem desenvolvido esforços para se projetar no domínio espacial (IISS 2018). Embora advogue o uso pacífico do espaço e se oponha à militarização daquele domínio, a China percebe que outras potências agem no sentido da militarização do espaço, explicitado pelo desenvolvimento de forças e meios espaciais. Considerado a muito como domínio de apoio, o espaço torna-se cada vez mais fundamental não apenas para o apoio à projeção de poder e desdobramento de forças no nível tático e operacional, como

proporciona a capacidade de “ver além da colina” pelos atributos de do complexo ISR (inteligência, vigilância e reconhecimento). Nos últimos anos a China construiu bases e instalações ligadas ao seu programa espacial ao redor do globo, dentre as quais destacamos as da Namíbia (Costa Ocidental da África), nas ilhas Kiribati (Pacífico Sul), Quênia (Costa Oriental da África) e Paquistão (Ásia Meridional). Mais recentemente, está operacional uma instalação semelhante na patagônia argentina (América do Sul) (LONDOÑO, 2018).

Outro domínio no qual a China busca operar com liberdade de ação é o cibernético. A Estratégia Militar da China entende o ciberespaço como novo pilar para o desenvolvimento econômico e social, tal como um novo domínio no campo da segurança nacional, o qual aumenta a competição estratégica internacional. Destaca também que poucos países estariam desenvolvendo forças militares cibernéticas (*cyber military forces*), inserindo-se a China entre os poucos países que estariam construindo não apenas capacidades, mas organizações militares nesse sentido. É importante destacar que a leitura da China sobre o ciberespaço transcende o escopo militar. O ciberespaço está na alçada da segurança nacional, a qual se alia ao desenvolvimento (securitizado). Por essa razão a estratégia militar incorpora o ciberespaço como domínio que gera estímulos para a modernização militar chinesa, ao passo que a atuação de sua força militar cibernética transcende temas e questões tradicionais das forças armadas.

Concomitante ao desenvolvimento de força militar em domínios como o espacial e o cibernético, o aprimoramento da força nuclear da China é visto como salvaguarda da soberania e da segurança nacional. Deve-se frisar aspectos perenes da lógica chinesa no campo nuclear, que destoam da perspectiva de grandes potências como Estados Unidos e Rússia. Para Pequim, a doutrina nuclear é voltada para o segundo ataque, no sentido de uma estratégia nuclear de autodefesa, “defensiva em sua natureza” (CHINA, 2015). Essa característica implicou a escolha do país

em não buscar paridade nuclear com grandes potências como as supracitadas, mas sim apostar numa capacidade de dissuasão [*deterrence*] crível, porém mínima<sup>29</sup>. Entretanto, essas preferências no campo da estratégia nuclear não eliminam a necessidade de Pequim de modernizar suas forças nucleares ao passo que moderniza seus componentes convencionais.

## Organização

As mudanças no campo doutrinário, tecnológico e organizacional analisadas ao longo deste trabalho buscam implementar as *Diretrizes Militares Estratégicas* em sintonia com os objetivos dispostos pelo Partido Comunista Chinês. Na versão de 2015 da Estratégia Militar (CHINA, 2015), objetiva-se construir militares informatizados aptos a vencer guerras informatizadas. Para tal, preconiza-se reformas na defesa nacional e nas forças armadas.

A mudança no campo estratégico e doutrinário na China estimula mudanças organizacionais. A preferência por unidades menores<sup>30</sup>, modulares e multifuncionais está relacionada a requisitos operacionais de operar em distintas regiões e a demandas características de operações conjuntas. Entre os requerimentos intrínsecos à reforma está a habilidade de realizar operações de grande mobilidade e ações ofensivas e defensivas multidimensionais. Para atingir essa finalidade, a Estratégia aponta uma mudança de ênfase: reorientação de uma força voltada para a defesa do teatro [de operações] para a mobilidade entre teatros [de operações].

Entre as mais importantes reformas no campo organizacional da mudança militar chinesa destacamos a substituição das regiões

<sup>29</sup> Para o debate sobre modalidades de dissuasão e deterrência, ver Friedman e Raghavan (2008).

<sup>30</sup> Não obstante no Ocidente (EUA e OTAN) se destacar a escolha das unidades valor brigada como principais módulos de combate em processos de transformação militar, a China tem optado por realizar o movimento de “brigadização” ainda no contexto de unidades valor batalhão (IISS, 2018).



militares pelos Comandos de Teatro (*Theatre Commands*). Outra mudança importante foi a criação da Força Conjunta de Apoio Logístico. Ambas mudanças são orientadas no sentido de reorganizar o Exército de Libertação Popular para incrementar a sua interoperabilidade (IISS, 2018, p. 225).

**Quadro 2: Reformas da Estrutura do Exército de Libertação Popular**

<b>Pré-Reformas de Xi Jinping</b>	<b>Pós-Reformas de Xi Jinping</b>
<b>Regiões Militares</b>	<b>Comandos de Teatro</b>
Shenyang	Oriental Sul Ocidental Norte Central
Pequim	
Lanzhou	
Jinan	
Nanquim	
Guangzhou(Cantão) Chengdu	

Fonte: o autor, baseado em Wuthnow e Saunders (2017).

Os 18 Grupos de Exército foram reduzidos para 13, havendo também a reorganização de formações no nível brigada e de divisão com intuito de criar uma forma de “organização padrão” para o Exército (IISS, 2018). Cada Grupo de Exército é composto por seis brigadas de armas combinadas<sup>31</sup>. Semelhante aos EUA e à Rússia após as reformas de Medvedev em 2008, o Exército chinês passa por ondas de “brigadização” com efeito de redução de pessoal (IISS, 2018, p. 229). Outra reforma organizacional é digna de nota também. No nível das forças singulares, a Força de Foguetes do Exército foi alçada a um ramo independente das Forças Armadas chinesas (IISS, 2018).

Semelhante a outras grandes potências, Pequim tem se preocupado em

<sup>31</sup> As brigadas de armas combinadas são compostas por: 1 de artilharia, 1 de defesa área, 1 de forças especiais, 1 de aviação, 1 de engenharia e defesa química e 1 de serviços de apoio (IISS, 2018).

incrementar as capacidades de C4ISR a partir do espaço. Para além das instalações mencionadas acima, o país criou a Força de Suporte Estratégico do Exército de Libertação Popular (PLASSF na sigla inglesa). Ligada a esses desenvolvimentos, está a nascente capacidade antissatélite chinesa, tal como o interesse do país em armas de energia direta e microssatélites (IISS, 2018, p. 226-227). Além de atividades no campo espacial, a PLASSF atua na guerra eletrônica e cibernética (IISS, 2018).

## Considerações para o Exército Brasileiro

Há vários anos a China consta como segundo país que mais gasta com defesa no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (IISS, 2018). O seu ambiente geoestratégico é repleto de grandes potências nuclearizadas, cujas áreas de influência se sobrepõem no ambiente regional asiático. A emergência de Pequim como competidor de Washington coloca a Chinanum patamar cuja comparação com o Brasil torna-se, a priori, difícil. Entretanto, julgamos o caso Chinês como ilustrativo sobre possíveis soluções e reflexões importantes para as forças armadas no Brasil, em particular para o Exército.

A estrutura institucional da Defesa na China subordina, por excelência, o papel e atribuições militares ao poder civil. Além do processo de profissionalização abordado no artigo, a Comissão Militar Central e o próprio Partido Comunista da China se somam ao presidente do país como articuladores e líderes no tocante ao uso e planejamento do poder militar como instrumento da política. Distinto da tradição ocidental, cuja separação civil-militar se expressa no pensamento clássico de autores como Jomini e Clausewitz, a subordinação dos militares ao poder civil na China dialoga nitidamente com a primazia do Partido Comunista como ente orientador da sociedade civil e militar.

O desenho institucional logrou a convergência entre os objetivos da grande estratégia e o poder militar. Com isso, estratégia, doutrina, tecnologias e

organizações castrenses buscam sinergia com fito de realizar os objetivos nacionais. O Brasil, que nutre uma tradição democrática há 30 anos e vem consolidando o seu Ministério da Defesa, pode aprender com o caso Chinês sobre a relevância de uma melhor arquitetura da relação entre civis e militares.

No campo militar, o caso chinês permite inferir como a convergência com a grande estratégia subordina os rumos da própria modernização militar a objetivos políticos ulteriores. Apesar da rivalidade entre as forças singulares e peculiaridades de cada ramo, a opção *top-down* de política permite a operacionalização da mudança militar mais profunda. Essa perspectiva é relevante para a experiência brasileira. Contemporaneamente no Brasil, o Exército Brasileiro busca a transformação militar, a Marinha do Brasil a modernização e a Força Aérea a reforma/reorganização. Cada força realiza o seu processo de mudança, com concepções diferentes, sem efetivo controle ou coordenação do Ministério da Defesa. Experiências de casos como os EUA, Rússia e China deixam claro que não se produz transformação militar com uma força singular apenas. A característica essencial da mudança militar de nossos tempos é o surgimento de uma força conjunta, apta a operar com interoperabilidade em todos os domínios e dimensões da guerra.

Os elementos discutidos acima sobre desenho institucional e relações civis-militares são relevantes para entender os rebatimentos para mudança doutrinária, tecnológica e organizacional. Apesar de suas falhas, o modelo *top-down* chinês uniformizou uma doutrina geral para as forças armadas, calcada no que entendem como última fase a *Revolution in Military Affairs*: a

guerra informatizada. A mudança na doutrina aportou subsídios para direcionar o desenvolvimento, a aquisição e a modernização de meios de emprego militar: sistemas não tripulados, mísseis ar-ar com maior alcance BVR (*Beyond Visual Range*) e belonaves para águas azuis não apenas dotam as forças armadas da China de moderno maquinário; compõem um sistema de força. No campo organizacional, a elevação da força de foguetes ao nível de força singular, a criação de uma força de apoio estratégico para logística e ações cibernéticas e, no campo eletromagnético, apoiam esse objetivo. Somado a esses processos, a preocupação com a profissionalização, a redução dos efetivos militares e balanceamento do mesmo entre as forças demonstram que o pragmatismo e a necessidade se sobrepõem às vicissitudes da cultura institucional das forças quando efetivamente comandadas pelo poder político civil.

Outro favor de destaque é a importância do peso da geografia e da clara identificação dos objetivos, das vulnerabilidades, riscos e ameaças que orientam a construção e modernização do poder militar. A articulação entre mudança militar e objetivos políticos ganha fortemente com a elaboração de uma grande estratégia que sobreviva a mudanças de mandatos presidenciais.

## Referências

- ARMS CONTROL ASSOCIATION. “The North Korean Missile Crisis”. ArmsControlAssociation. November 1, 2017. Disponível em: <<https://www.armscontrol.org/act/2017-11/focus/north-korean-missile-crisis>>, Acesso em: 19 out. 2018.
- ATLANTIC COUNCIL. “Chinese paper urges PLA Navy to build overseas military bases. *China Defense Mashup*. January 19, 2013.
- CHASE, Michael S.; ENGSTROM, Jeffrey; CHEUNG, Tai Ming; GUNNESS, Kristen A.; HAROLD, Scott Warren; PUSKA, Susan; BERKOWITZ, Samuel K. *China’s Incomplete Military Transformation: assessing the weaknesses of the People’s Liberation Army (PLA)*. Santa Monica: Rand Corporation, 2015.
- CHINA, Ministry of National Defense. *China’s Military Strategy*. The State Council Information Office of the People’s Republic of China. May 2015. Beijing. Disponível em: <[http://eng.mod.gov.cn/Press/2015-05/26/content\\_4586805.htm](http://eng.mod.gov.cn/Press/2015-05/26/content_4586805.htm)>, Acesso em: 19 out. 2018.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*. Traduzido por Michael Howard e Peter Paret. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CLIFF, Roger. *Anti-Access Measures in Chinese Defense Strategy*. RAND Corporation. Testimony presented before the U.S. China Economic and Security Review Commission on January 27, 2011.
- FRIEDMAN, Lawrence; RAGHAVAN, Srinath. “Coercion”. In: Paul D. Williams (Org.), *Security Studies: an introduction*. London and New York: Routledge, 2008.
- HEATH, Timothy R.; GUNNESS, Kristen; COOPER, Cortez A. *The PLA and China’s Rejuvenation: National security and military strategies, deterrence concepts, and combat capabilities*. Santa Monica: Rand Corporation, 2016.
- IISS. International Institute for Strategic Studies. *The Military Balance 2018: The annual assessment of global military capabilities and defence economics*. London, 2018.
- JINPING, Xi. “Secure a Decisive Victory in Building a Moderately Prosperous Society in All Respects and Strive for the Great Success of Socialism with Chinese Characteristics for a New Era”. *Full text of Xi Jinping’s report at 19<sup>th</sup> CPC National Congress*. October 18, 2017. Disponível em: <[http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-11/04/content\\_34115212.htm](http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-11/04/content_34115212.htm)>, Acesso: 19 out. 2018.
- LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare*. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, February 1999.
- LONDOÑO, Ernesto. “From a Space Station in Argentina, China Expands Its Reach in Latin America”. *New York Times*, 28 de Julho 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/07/28/world/americas/china-latin-america.html>>, Acesso: 19 out. 2018.

MANJI, Faseeh. “Iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota” ganha força na Ásia”. *Revista Exame* [Bloomberg], 11 de abril de 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/iniciativa-um-cinturao-uma-rota-ganha-forca-na-asia/>>, Acesso em: 18 out. 2018.

SEMPA, Francis P. “The Geopolitical Vision of Alfred Thayer Mahan”. *The Diplomat*. December 30, 2014. Disponível em: <https://thediplomat.com/2014/12/the-geopolitical-vision-of-alfred-thayer-mahan/>. Acesso: 19 out. 2018.

SINGH, Prashant Kumar. *Changing Contexts of Chinese Military Strategy and Doctrine*. IDSA Monograph Series, No. 49, March, 2016.

SLOAN, Elinor. *Military transformation and modern warfare: a reference handbook*. GreenwoodPublishingGroup, 2008.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. “Postura Estratégica dos Estados Unidos e uso da Força.” *Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica*, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 5-17, ago. 2018. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1636>>. Acesso em: 20 out. 2018.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.; SOUZA, Valéria M.; CUNHA LEITE, Alexandre. “Comparando Estratégias de Operacionalização de Variáveis em Relações Internacionais: a mensuração de capacidades do poder nacional”. *Meridiano 47*, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/MED/article/view/5313/4831>. Acesso em: 19 out. 2018.

SILVA, A.H.L.; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. “Understanding Chinese and Indian Balancing Strategies”. *Revista da Escola de Guerra Naval* (Ed. português), v. 22, p. 143-168, 2016.

TWEED, Davis; KOUTSOUKIS, Jason. “U.S.-China Military Tensions Start to Rise as Trade War Deepens”. Bloomberg, Politics. 26 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-09-26/u-s-china-military-tensions-start-to-rise-as-trade-war-deepens>>, Acesso em: 19 out. 2018.

WUTHNOW, Joel. “Chinese Perspectives on the Belt and Road Initiative: Strategic rationales, risks, and implications”. *China Strategic Perspectives*, 12.Center for the Study of Chinese Military Affairs. Institute for National Strategic Studies. National Defense University. 2017.

WUTHNOW, Joel; SAUNDERS, Phillip C. “Chinese Military Reforms in the Age of Xi Jinping: drivers, challenges, and implications”. *China Strategic Perspectives*, 10.Center for the Study of Chinese Military Affairs. Institute for National Strategic Studies. National Defense University. 2017.

YOSHIDA, Reijo (2018) “Abe’s route to revising Article 9 crosses minefield of legalese”. *The Japan Times*. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/news/2018/03/12/reference/abes-route-revising-article-9-crosses-minefield-legalese/#.W8oyg9dKiUk>. Acesso em: 19 out 2018.